

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

RUA GRANDE :TRAJETORIO SOCIO ESPACIAL DE UMA RUA

celia regina mesquita santos (UEMA)

Rua Grande: A Trajetória Socioespacial de uma Rua em Busca de Novas Formas de Ver e Sentir os Lugares

Resumo

As intensas ligações que as pessoas estabelecem com seus lugares de convívio são aqui transladadas para uma Rua, mais precisamente a Rua Grande, símbolo de um majestoso passado, lugar de referência para a cidade de São Luís e palco de inúmeros e memoráveis acontecimentos, representando um papel fundamental em sua história. Nosso foco de interesse recai, portanto, nas apropriações e práticas socioespaciais que moradores, ex-moradores, comerciantes e ex-comerciantes desenvolvem com a Rua em questão. Esta pesquisa analisou o trecho da Rua Grande compreendido entre a Praça João Lisboa e a Rua do Passeio, compreendendo uma área de aproximadamente 760m, dez quadras e um acervo de 118 imóveis. A escolha desse recorte espacial ocorreu por ser este o setor mais adensado da Rua em questão, tanto para o comércio como para moradia.

Cientes da importância que essa Rua determina na vida de seus usuários e buscando compreender como as alterações físicas e espaciais influenciam na constituição de sua identidade, determinando assim o seu significado, consideramos de fundamental importância o referencial teórico das Representações Sociais, que nos levaram a desvendar as razões que permitem a esses grupos agirem dessa ou outra maneira em relação ao objeto de estudo. Assim, privilegamos um aporte na Psicologia Social, por essa possibilitar uma melhor compreensão dessas representações e sua intrínseca rede de significados.

Introdução

As configurações espaciais são peças-chave no estudo das práticas sociais nas quais indivíduos e grupos de indivíduos interagem com as mudanças morfológicas e tipológicas, resultando em alterações em suas identidades. Essas configurações espaciais acompanham o processo histórico, participando intimamente da relação indivíduo/ambiente. Não é sem efeito que os significados atribuídos aos lugares permeiam as relações socioespaciais, que, construídas em determinadas situações, estão sempre atreladas ao contexto de cada lugar. Diante dessa realidade, podemos estabelecer uma sintonia entre o espaço/lugar e seus usuários.

O impasse, que sempre se apresenta quando a questão é o planejamento urbano da cidade e a busca de formas para implementá-lo e/ou incrementá-lo, cai exatamente na dicotomia entre as diversas formas de tratar o caso em que alguns *vêem* o processo de uma determinada maneira, enquanto outros *sentem* de outra maneira. Ou seja, para uns a questão do urbanismo se resume a um planejamento calcado em estudos que não privilegiam as particularidades do lugar, encerrando assim qualquer discussão que possa envolver os interesses dos sujeitos que, de uma maneira ou outra, estão relacionados ao lugar. Na contramão desse pensamento, estão os principais interessados no processo, que são os usuários do lugar. Estes, quase sempre esquecidos, não têm a chance de expor seus conhecimentos, preciosamente adquiridos através da experiência e da vivência, que só o tempo e a convivência são capazes de produzir.

A Rua Grande insere-se nesse contexto por ser um elemento de grande importância na configuração espacial da cidade de São Luís, pois está localizada na parte mais alta de seu Centro Histórico, estrategicamente situada entre os rios Bacanga e Anil, constituindo-se como eixo entre o Centro Antigo e o interior da Ilha, servindo como artéria desde os seus primórdios, pois corta praticamente todo o centro da cidade, desempenhando, portanto, um papel de extrema significância no desenrolar da história ludovicence.

A Rua Grande torna-se, então, ponto de referência não só para as pessoas que ali moram e/ou trabalham, como também para uma grande parcela da população de São Luís, que, de diferentes maneiras, constroem relações com esse espaço. Dessas diferentes maneiras de ver e sentir a Rua resulta uma infinita gama de material nas quais as Representações Sociais vão se estabelecendo.

A escolha do tema aqui proposto, bem como de toda a problemática que permeia este trabalho, envolve uma intrínseca rede de significados cujas apropriações socioespaciais,

ocorridas na Rua durante um determinado período (entre a década de 70 até os dias atuais), servem de eixo condutor na busca de sua identidade.

Assim, na presente pesquisa, houve empenho no sentido de compreender como as mudanças socioespaciais processadas na Rua Grande, situada no Centro Histórico de São Luís, no período compreendido entre a década de 70 até os dias de hoje, contribuíram para uma alteração no seu significado, ou seja, de que maneira essa alteração está relacionada com o processo de transformação que a Rua vem apresentando, com maior intensidade nas últimas décadas.

Ao se eleger a Rua Grande como referencial, uma incômoda inquietação já se fazia presente há algum tempo, quando se presenciou uma avassaladora transformação socioespacial em um espaço carregado de simbologia como é o caso da Rua Grande em relação à cidade de São Luís. Inquietação intensificada ao se perceber que esse processo se tornara contínuo, desfigurando cada vez mais um lugar que representa a própria história da cidade.

Alguns estudos já se voltam para a Rua Grande, enfocando principalmente as descaracterizações que ali vêm se processando, imprimindo-lhe outras feições, transformando-a, dia após dia, em um cenário digno dos interesses capitalistas. O que outrora fora um lugar de encontros, vai pouco a pouco se transformando num espaço de desencontros.

As inquietações se intensificam, quando a Rua Grande passa, a partir dos anos 70, a viver uma dúbia realidade: a sua inserção no modernismo, através da *avalanche comercial* que ali se instala, refletindo todas as *contradições* que esse processo desencadeia, e a crescente busca em resgatar a sua condição de celeiro sociocultural da cidade.

Outras questões também se mostraram relevantes na particularização desse tema, como por exemplo, a que diz respeito à preservação dos Centros Históricos. Nos últimos anos, muito se tem falado na volta aos Centros Antigos das cidades, estudando-se inúmeras formas para que isso se viabilize de modo que eles contribuam para o processo de desenvolvimento local. São Luís tem um Centro Histórico privilegiado e, até certo ponto, bem conservado, o que lhe valeu recentemente a condição de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, título que lhe foi atribuído pela UNESCO. Por conta disso, os *olhares* se voltaram para esses *centros* na tentativa de resgatar sua história e inseri-la no processo de desenvolvimento da cidade.

Essa nova ótica vem sendo compartilhada nos diversos cantos do mundo, demonstrando inclusive, uma crescente preocupação por parte dos órgãos públicos em implantar dinâmicas políticas econômicas e sociais, visando à melhoria dessas áreas.

O momento é, pois, de grande expectativa quanto ao futuro desses espaços/lugares, que, mesmo vendo crescer em diversos segmentos sociais a consciência em resgatar a história local através da preservação do patrimônio, não sente ainda o seu comprometimento com uma integração urbana que de fato incorpore os valores e as especificidades do local como condição básica para essas intervenções.

Desse modo, presencia-se uma proteção patrimonial voltada quase que exclusivamente aos espaços físicos, negligenciando o contexto social, onde a riqueza das atividades humanas se desenvolve e interage. Nessas condições, não são preservadas as características culturais das comunidades, ficando estas, em geral, totalmente esquecidas apagando, por conseguinte, a principal figura desse processo: o sujeito que ali estabeleceu laços de afetividade. Logo ele, que carrega o verdadeiro sentido dessa história, construída no dia-a-dia de sua realidade social.

Na verdade, quando o planejamento urbano privilegia apenas o espaço físico, sem salvaguardar seus usos, especificidades e valores, no que aí incluímos os sujeitos, acaba esquecendo a essência do lugar, tendo como resultado apenas um *fetichê* dessa realidade.

Nesses termos, penetra-se na essência de um lugar que compõe um exemplar único na história da cidade, constituindo-se num eixo simbólico, onde se interligam diferentes realidades. Refletir, pois, sobre o cotidiano, o senso comum, é poder evocar a dimensão do conhecido, do visível, do *sob domínio*. Reconhecer a importância desse contexto nos caminhos que levam ao urbanismo é firmar um compromisso com as questões sociais, pois, ao privilegiar um entendimento com o estudo das identidades e dos significados, estaremos respeitando as singularidades de cada lugar, valorizando suas especificidades, mantendo assim sua relação com o contexto no qual está inserido. E isso é de fundamental importância para a eficácia de qualquer intervenção.

Essas questões levaram a refletir sobre as relações existentes entre as práticas socioespaciais e os significados que emergem dos lugares. Dessas reflexões, espera-se não só subsidiar projetos de intervenções nessa área como também incentivar outros estudos que privilegiem a implementação de pólos turísticos. Acredita-se com isso, de algum modo, contribuir para que os conteúdos sociais sejam plenamente esclarecidos de maneira que se evidencie a intrínseca relação entre significado/identidade, em que os sujeitos aparecem como os principais agentes na condução dessa história, enfatizando, para isso, a conexão entre as transformações socioespaciais e o significado dos lugares, onde espaço e lugar adquirem características próprias, de acordo com a carga valorativa a eles atribuídos.

No entanto, não se pretende esgotar o vasto assunto que leva à compreensão das identidades e dos significados atribuídos aos lugares, pelo contrário, somos conscientes de que muitos são os caminhos na abordagem desse tema, escolhemos um deles, o que pode, de certa forma, incitar outros *olhares*. E que venham esses *olhares* para enriquecer cada vez mais esse instigante estudo.

1 Passado e presente: realidades que se cruzam



Figura 01 – Rua Grande na década de 40/50
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

Mas houve um tempo em que ela praticamente dominou o cenário sócio-cultural da cidade, um tempo em que era ela quem ditava os modismos, pois de lá saíam as novidades para o restante da Ilha (ver **Fig. 01**). Esse tempo encontra-se meio esquecido, perdido entre tantos desencontros de uma época cercada de incertezas como a nossa.

A Rua Grande uma das mais antigas de São Luís, compõe um espaço privilegiado onde o fervilhar dos acontecimentos diários lhe confere vida. Vida pulsante, pois ainda hoje é considerada pela população como o “coração” da cidade.



Figura 02 – Mapa de São Luís, 1640
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

Situada na parte mais alta do núcleo que se constitui como Centro Antigo da cidade e estrategicamente localizada entre os rios Bacanga e Anil, no princípio (antes de 1640), a Rua Grande já se tornara principal elemento de crescimento urbano de São Luís. O eixo Centro-Anil (bairro periférico da cidade) ficou evidenciado desde aqueles tempos como um verdadeiro corredor geográfico que permitia o acesso ao interior da Ilha (ver **Fig. 02**).

A história da Rua foi sempre marcada por momentos distintos: ora o apogeu, ora o declínio. E nesse contexto de mudanças, a Rua Grande foi adquirindo diferentes feições que lhe imprimiam diferentes significados, em que cada um deles, num processo dinâmico de mutações, conquistava uma determinada identidade.

Nessa Rua de intenso movimento, não faltavam belas residências, cinemas, clubes, lojas, igrejas, jornais, escolas, mercearias, farmácias, etc. Enfim, uma Rua praticamente auto-suficiente, em que usos e funções estavam perfeitamente integrados.

Embora, desde cedo, a Rua tenha adquirido uma acentuada conotação comercial, esse fato, a princípio, não parecia lhe influenciar negativamente, pelo contrário, seus sobrados continuavam belos e bem cuidados e sua efervescente vida cotidiana, com o ir e vir de pessoas, lhe conferia o status de principal artéria da cidade (ver **Fig. 03**).



Figura 03– Farmácia Garrido (1950)
Fonte: Rua Grande: Um Passeio no Tempo

No século XIX, falar da cidade de São Luís sem fazer uma referência à Rua Grande era praticamente impossível. Seria como falar em Nova York e não citar a 5ª Avenida. Nessa época, São Luís era um referencial não só pela sua cultura como também pelo seu crescente desenvolvimento econômico. Todo esse apogeu vai se refletir também na Rua Grande, onde prósperos moradores e comerciantes compõem sua paisagem. A Rua estava assim, quase que totalmente, nas mãos de uma burguesia que, embora convivendo no seu dia-a-dia com segmentos mais populares, deixava transparecer todo o seu refinamento no cuidado que dispensava aos imóveis ali localizados.

Naquele momento, a Rua Grande vivia seu apogeu, com o comércio prosperando e seus moradores usufruindo de maneira dinâmica todos os seus recantos. Durante o dia, era o alvoroço do comércio que latejava, e, à noite, cedia lugar aos murmurinhos dos que ali iam unicamente para passear, ver vitrines, tomar um sorvete, ou participar de uma boa conversa

em um de seus inúmeros bares e restaurantes, pois a Rua Grande possuía estabelecimentos de *fino gosto*, onde um público intelectualizado se fazia freqüente.

Nas décadas de 70/80, ganha força a modernidade. Novos pólos industriais surgem em São Luís, com a expansão de suas áreas habitacionais para a chamada *cidade nova*, além da ponte de São Francisco (construída na década de 70). Esse deslocamento provocou, de imediato, certo impacto na Rua Grande, com uma nova significação sendo anunciada ao seu conjunto urbano. A Rua Grande vai assim deixando de ser um espaço de moradias.

É a avalanche comercial com a disputa entre o setor imobiliário e os moradores que ainda insistem em permanecer no local. Nesse momento, provavelmente, a angústia maior desses moradores seja a incógnita quanto aos rumos que a Rua vai seguir.

Nessas circunstâncias e, talvez, na corrida para se adequar à modernidade, a Rua vai se desligando do seu passado, adquirindo novas feições. Atualmente, sem ostentar o apogeu que teve, a Rua Grande submerge num mar de descaracterizações em seu acervo arquitetônico tornando-se predominantemente comercial (96% dos imóveis são hoje do tipo comercial), atendendo a um público bastante diverso e sem dúvida bem diferente daquele a que outrora servia: seus usuários hoje pertencem mais às camadas populares.

Essa transformação de público talvez tenha como ponto de partida a transferência que as camadas sociais mais elevadas fizeram, elegendo os *modernos shoppings* como lugar de compra e passeio, praticamente abandonando a antiga Rua, que já foi o retrato dessa mesma burguesia.

A trajetória da Rua Grande demonstra a existência de duas realidades distintas, como já visto anteriormente, que convivem em suas singularidades: *de um lado a tradição, traduzida pela presença material de edificações, praticamente estáveis, que passaram pelo teste histórico da longa duração e, portanto, são as partes significantes* (LACERDA, ZANCHET, DINIZ, 1999:6) e de outro, a constante busca do novo, na qual os apelos do mundo contemporâneo aparecem como única via de sobrevivência.

Essa situação parece ser um reflexo da empreitada que a maioria das cidades brasileiras desencadeou em busca de se adequarem aos novos padrões arquitetônicos importados de centros mais desenvolvidos, na pretensão, sem dúvida, de se inserirem na condição moderna vigente. Com isso, esses centros sofreram (e ainda vêm sofrendo) danos irreparáveis, não só pelo abandono como também pela depredação e pelo desfalque de seus componentes, muitas vezes substituídos por outros que em nada lembram os originais. Assim, a chamada renovação urbana da Rua Grande acontece em meio a uma situação de

conflitos em que as partes envolvidas não visualizam um mesmo horizonte dificultando, portanto uma solução democrática.

Por partes envolvidas entende-se todos os usuários da Rua e mais os órgãos que se destinam à sua preservação. Entre os usuários particularizamos seus moradores e comerciantes que julgamos serem os principais condutores de sua história, pois a eles foi entregue grande parte do processo de construção identitária da Rua Grande, ou seja, receberam, por assim dizer, o legado de traduzir o verdadeiro significado que a Rua apresenta para a população da cidade. Portanto nada mais sensato, em se tratando de buscar referências a respeito de um determinado lugar, do que se entender o que exatamente pensam as pessoas que fazem da sua história a história do próprio lugar.

2 Rua Grande: no descompasso entre o presente e o passado

No caso da Rua Grande, a questão principal que se coloca incide no processo de mudanças que esta vem absorvendo ao longo de sua trajetória, quando passa definitivamente de um centro altamente burguês para um centro extremamente popular, o que lhe confere provavelmente um outro significado e conseqüentemente uma outra identidade, ou seja, de um espaço beneficiado pela presença, durante certo tempo, de um segmento social mais intelectualizado, traduzido pelo zelo à Rua, vê-se hoje, convivendo quase exclusivamente com um público pertencente a uma outra realidade social, não tendo talvez o conhecimento necessário para salvaguardar esse patrimônio.

Inquieta ver que um local tão carregado de significações provavelmente esteja caminhando para um total esquecimento na memória da cidade. Inquieta, também, ver os novos rumos que a Rua vem tomando ao tentar se adequar aos paradigmas da modernidade deixando de lado valores como a tradição (ver **Fig. 04 e 05**).



Figura 04 – Vista parcial da Rua Grande (2000)
Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico



Figura 05 – Vista de um trecho da Rua Grande (2000)
Fonte: Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico

Considera-se que toda e qualquer intervenção ao espaço urbano deva ser no sentido de conferir valor às suas especificidades, mantendo-se assim sua importância no contexto histórico da cidade, em que a revalorização do aspecto cultural e ambiental seja um desdobramento dessas intenções.

Nesse momento, o espaço da rua transforma-se em um lugar, e como tal, imbuído de valor, adquirindo identidade própria. Esse *olhar* mais sensível é de extrema importância para que os desejos e anseios da população sejam detectados, pois sem levá-los em consideração teríamos intervenções urbanísticas ineficazes. Sem levar em conta a identidade do lugar, toda e qualquer intervenção está destinada ao fracasso. Enfatizamos aqui o termo *intervenções*, pois a Rua Grande transformou-se, nas últimas décadas, em um grande celeiro delas. E isso é, sem dúvida, um fator preocupante, não só para as pessoas que se interessam pelo urbanismo como também (e principalmente) para aqueles que desenvolvem alguma ligação com a Rua, pois essas transformações quase nunca se integram às estruturas físicas já existentes, sem o cuidado em preservar a ambiência que o lugar possui. Essas *interferências* vão então destruindo acervos, memória, história e tudo o mais que julgarem sem utilidade para seus fins (quase sempre de caráter duvidoso). Nesse processo, os usuários jamais deveriam ficar de fora, pois de sua participação depende grande parte do sucesso de qualquer projeto de intervenção na sua estrutura espacial.

Como se vê, em São Luís, a história não foi diferente à de tantos outros centros. Na década de 70, inicia-se na cidade uma nova fase para o Centro Histórico, com o surgimento de novas áreas de ocupação que aos poucos vão esvaziando o Centro da cidade. Isso ocorreu principalmente após a construção da ponte Governador José Sarney, que liga o Centro da cidade ao bairro do São Francisco, e que, por sua vez, facilita o deslocamento para as praias e diversos outros bairros, encurtando distâncias pela acessibilidade a várias avenidas. Pode-se mesmo afirmar que a ponte se tornou o símbolo de uma nova fase da história de São Luís, já que possibilitou a ocupação de áreas que se tornaram referência do moderno.

Assim, o panorama que hoje se descortina na cidade demonstra exatamente essa realidade: o Centro sendo paulatinamente esvaziado, com as áreas residenciais cada vez mais escassas ou transformando-se exclusivamente em pontos comerciais. Essa situação se torna patente ao se deparar com inúmeros casarões vazios, condenados à degradação. Enquanto isso, do outro lado da Ilha, o que se vê são essas novas áreas de ocupação configurando a chamada *cidade nova* com seus constantes apelos comerciais, divulgando uma excelente qualidade de vida em que os bens materiais estão facilmente ao alcance de quem puder usufruí-los.

E é exatamente essa heterogeneidade que caracteriza nossa cidade. Percebe-se isso tanto no centro da cidade como nos bairros mais afastados. Na ânsia de acompanhar o progresso, a cidade foi sendo atropelada pela chegada de novos valores, mas, com certeza, não estava preparada para isso. Daí esse eterno dueto: uma parte preconizando a contemporaneidade e tentando se moldar aos novos costumes, enquanto a outra não abre mão das tradições e procura a todo custo mantê-las vivas. O que é visto até hoje na Rua Grande vem confirmando isso, sendo a própria Rua um testemunho dessa condição.

Constata-se que variados podem ser os caminhos que levam a permanecer em um determinado local. No entanto, identificado esse caminho, consolidam-se representações e passa-se a fazer parte desse lugar. Daí, a constante preocupação, o zelo, o interesse em vê-lo melhorando a cada dia. Não se trata mais de um espaço qualquer, trata-se do *meu lugar* que, agora, se enche de significação. Existe, sem dúvida, certo fascínio no lugar que se torna reconhecível; olhando-o, participa-se do seu movimento e sentimo-nos, de certa forma, integrado a ele. O lugar, portanto, só passa a adquirir sentido, quando integrado a seus conteúdos sociais.

Cabe aqui uma reflexão sobre o nível de consciência das pessoas em relação à necessidade de resgatar a história local e, conseqüentemente, em fazer resistência às constantes e indevidas transformações no patrimônio edificado.

Sem dúvida, é uma questão delicada que deve ser vista e trabalhada com cautela. Não é sem motivo que existem muitas críticas quanto à falta de uma política urbana que incorpore o patrimônio como peça-chave para o desenvolvimento. Seria talvez o caso de juntar parcerias como governo, prefeitura e iniciativa privada num trabalho conjunto para a preservação desses espaços. Quem sabe assim diminuiria a falta de informação que muitas vezes leva a atitude radicais e arbitrarias como a destruição de marcos referenciais, verdadeiros suportes da memória coletiva de um povo.

Como foi visto, os problemas advindos dessas interferências podem afetar diversos segmentos sociais urbanos, colocando face a face interesses bastante diferentes. Cabe, então, enfatizar que toda pretensa proteção ao patrimônio não deve se deter apenas em termos do espaço físico, mas sim, buscar sempre o reconhecimento de seu contexto social, pois é lá que as atividades humanas se desenvolvem e se solidificam.

3 Conclusão

A Rua Grande, como lugar, se enche de significado não só em decorrência de seu expressivo passado e conteúdo histórico, mas também por permanecer como um importante eixo comercial do centro da cidade de São Luís. Nos diversos momentos de sua trajetória, fica evidenciado o forte elo que esta estabelece com seus usuários.

Diante do exposto, compreende-se que as motivações que levam as pessoas a escolherem este ou aquele lugar como *porto* de suas vidas, perpassa por diversas etapas até adquirir identidade própria. São histórias que vão agregando valores, que vão se firmando e uma infinidade de outros elementos que, juntos, determinam o tipo de relação que essas pessoas estabelecem com o lugar em que vivem, pois, em geral, desenvolvem intensas ligações com eles.

O período de apogeu da Rua Grande vai então se desestabilizando cedendo lugar aos *novos tempos*, em que novas e emergentes idéias de renovação urbana se implantam na Rua. Nessa atmosfera de conflito, constata-se a passagem da Rua de um tempo caracterizado pelo apogeu para um período de declínio. Esse momento se eterniza no imaginário desses grupos pela insatisfação gerada com a *avalanche comercial*, que traz consigo a perda de grande parte da tão apregoada tradição que, até então, caracterizava aquele local. Nessas circunstâncias, a Rua rompe com grande parte de seus valores e passa a adquirir outras feições. É o momento das transformações, em que se estabelece o dilema entre a permanência do meio urbano tradicional, com seus valores consolidados, sua história e riqueza cultural e a assimilação de uma recém-chegada modernidade, com suas relações impessoais e constantes alterações no espaço urbano.

O caráter de ambivalência na construção dessas representações determina o significado que a Rua apresenta para cada um desses segmentos, pois, a partir do momento que todos estabelecem uma relação identitária com a Rua, ela passa a ser parte de suas *histórias de vida*.

A conscientização de uma política de preservação seria o primeiro passo para administrar com sabedoria toda e qualquer intervenção em um espaço público. A Rua Grande, em sua trajetória socioespacial, atesta mais uma vez essa carência, com suas aleatórias transformações físicas dando evasão às mais diversas atividades - agora atreladas ao recém-conquistado estilo de vida moderno - foi deixando passar a sua essência, e, de um lugar com evidente vocação tradicional, passou a ansiar por se enquadrar definitivamente nessa nova *performance* progressista, tão em voga nos ideais capitalistas.

Não resta dúvida, portanto, que os padrões de apropriação impostos à Rua, com sua distribuição de atividades e movimentos, geraram demandas e criaram novos valores, influenciando fortemente na transformação de sua configuração espacial. Esse circuito de mudanças, com a introdução de novos conteúdos, evidencia-se nas novas configurações da Rua, onde as demolições e novas edificações introduziram significativas alterações na maneira de ver e sentir esse espaço.

Na medida em que toda e qualquer intervenção ao espaço urbano deva ser calcada no sentido de conferir valor às suas especificidades, mantendo-se assim sua importância no contexto histórico da cidade - em que participam os principais condutores dessa história, ou seja, aquelas pessoas que mais diretamente estão envolvidas com o objeto em questão - tem-se, com certeza, um número cada vez maior de acertos quanto aos resultados desses projetos.

Assim, espera-se que esta investigação sobre as *Representações Sociais* atribuídas à Rua Grande possa de alguma forma, subsidiar trabalhos que envolvam o estudo do entendimento das identidades que vão sendo constituídas através do tempo, explicitando valores e revelando as singularidades de um determinado lugar, servindo assim de reflexão para o aprofundamento dessas questões. Enfatizando sempre que todo centro histórico que privilegia o turismo (como é o caso de São Luís) deve assimilar esses fatores como fundamentais para um resultado promissor. Não esquecendo também a importância do aspecto da dimensão subjetiva, muitas vezes negligenciado em detrimento da tecnicidade, firmando sempre o compromisso com as questões sociais como determinante em toda e qualquer intervenção em espaços públicos. Dessa forma, cumpre-se o dito em que o ser humano é eminentemente social, portanto *não só sujeito da sociedade e da história como também sujeito à sociedade e à história* (JOVCHELOVITCH, 2000.41).

4 Bibliografia

ANDRÉS, Luiz Phelipe de Carvalho. Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luis. In: **Seminário Sobre Desenho Urbano no Brasil, 2.** Rio de Janeiro: FINEP, 1996.

AUGE, Mark. **Não lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas – SP: Papyrus, São Paulo: Martins Fontes, 1988.

AUGRAS, Monique. **A dimensão Simbólica.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BANDEIRA, Cristina Tereza Portelada. **Rua Grande: Reabilitação do Patrimônio Histórico**. Monografia de curso de arquitetura pela Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2000.
- BARROS, Valdenira. **Imagens do Moderno em São Luís**. São Luís: Unigraf, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CAMPBELL, J. O Mito e o Mundo Moderno In: **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no / do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASSIRER, E. **Esencia y Efecto Del Concepto de Símbolo**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1989.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A;
- FERRARA, Lucrécia D. Alesio. **Ver a Cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.
- HARVEY, David. **A Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- JODELET, D. **Les representations sociales**. 5 ed. Paris: Press Universitaire, 1997:447.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- LACERDA, Norma; ZANCHETI, Silvio; DINIZ, Fernando. **Planejamento metropolitano: uma proposta de conservação urbana e territorial**. Recife, 1999, mimeo.
- LEITÃO, Lucia. **Os Movimentos desejantes da cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1998.
- MARQUES, César A. **Dicionário histórico e geográfico do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fonfon e Seleta, 1970.
- MARTINS, Ananias Alves. **São Luís: fundamentos do patrimônio cultural – séc. XVII, XVIII e XIX**. São Luís: Sanluiz, 1999.

- MATA, Roberto Da. **A Casa e a Rua. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil.** Rio de Janeiro: Massangana, 1987.
- MEIRELLES, Mário M. **História do Maranhão.** 2. ed. São Luís, Fundação Cultural do Maranhão, 1980.
- MELO, Magnólia Sousa Bandeira de. **Índice toponímico do Centro Histórico de São Luís.** São Luís: UFMA, 1992.
- MILGRAN, Stanley. Cities as social representations. In: MOSCOVICI, Serge; FARR, Robert M. **Social representations.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MONTEIRO, Circe Maria G. Representações sociais da cidade: **do imaginário ao real.** In: FARRET, Ricardo L. (org). Encontro Nacional – ANPUR, 6, 1995. Brasília. **Anais.** Brasília: ANPUR, 1996.
- MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão.** São Luís, Legenda, 1989.
- SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais.** Rio de Janeiro: UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A Cidade com um jogo de cartas.** Rio de Janeiro: EDUFF-Editora Universitária, 1985.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. (coord). **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.** 2. ed. Rio de Janeiro: IBAM/FINEP, 1981.
- SOUZA, Paulo Melo. **Rua Grande: Um Passeio no Tempo.** São Luís: Prefeitura Municipal; São Paulo: Pancrom, 1992.
- SPINK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, YI-FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1984.
- VIVEIROS, Jerônimo de A. **História do comércio do Maranhão.** São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954. 3v.
- ZANCHETI, Silvio; JOKILEHTO, Jukka. Reflexões sobre planejamento da Conservação Urbana Integrada. Recife: mimeo, s/d.